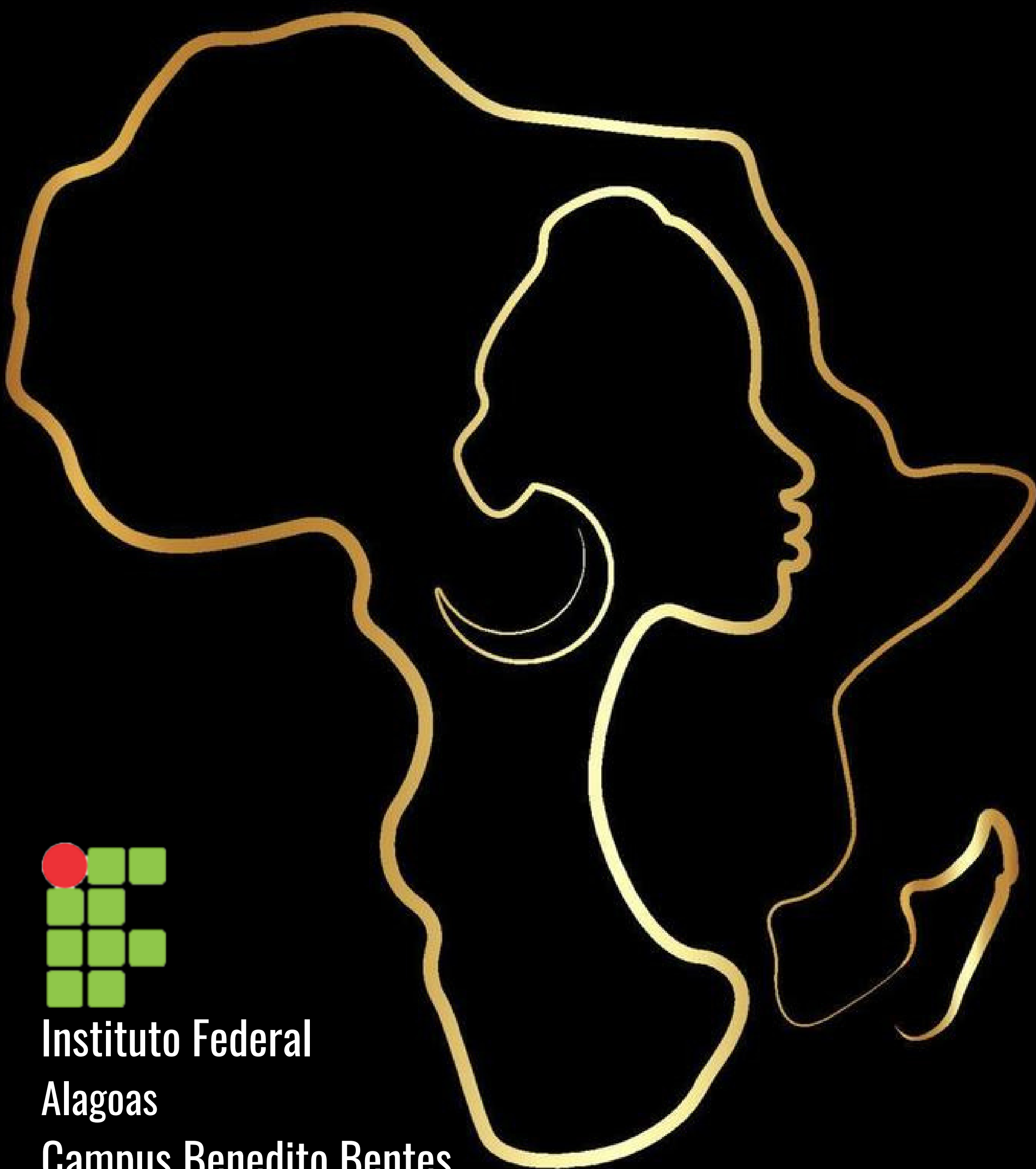


ECOS DE ANCESTRALIDADE:



Instituto Federal
Alagoas
Campus Benedito Bentes

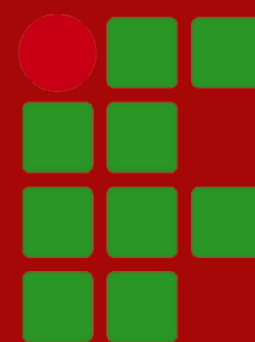
**RELATOS DAS TRADIÇÕES SOCIAIS E
CULTURAIS DAS MULHERES DO
MUQUÉM - AL**

Instituto Federal de Alagoas
Campus Benedito Bentes

**Programa de Pós-Graduação em
Educação Profissional e Tecnológica**

Daniela Verena Neves Santos
Nelson Vieira da Silva Meirelles

**ECOS DE
ANCESTRALIDADE:
RELATOS DAS
TRADIÇÕES SOCIAIS E
CULTURAIS DAS
MULHERES DO
MUQUÉM - AL**



**INSTITUTO
FEDERAL**

**Campus Benedito
Bentes**

MACEIÓ, 2022

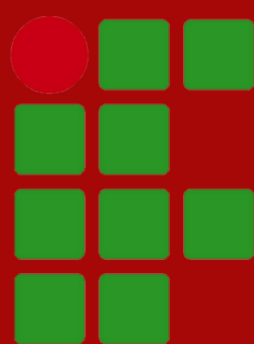
EXPEDIENTE TÉCNICO

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Produção: Daniela Verena Neves Santos

Orientação: Nelson Vieira da Silva Meirelles

Projeto Gráfico: Daniela Verena Neves Santos



INSTITUTO FEDERAL
Alagoas
Campus Benedito Bentes



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

S237e

Santos, Daniela Verena Neves.

Ecos de ancestralidades: relatos das tradições sociais e culturais das mulheres Muquém-AL. / Daniela Verena Neves Santos. – 2022.

86f. : il.

1 CD-ROM: il.

Produto Educacional da Dissertação de Mestrado: Ecos de ancestralidades: vivências e saberes de mulheres quilombolas na comunidade do Muquém-AL - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2022.

1. Educação Profissional. 2. Comunidade Quilombola. 3. Educação Omnilateral.
4. Produto Educacional I. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796



De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado, etc e tal. Só que na hora de mostrar o que eles chamam de 'coisas nossas', é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí fora. Quando querem falar do charme, da beleza da mulher brasileira, pinta logo a imagem de gente queimada da praia, de andar rebolativo, de meneios no olhar, de requebros e faceirices (GONZALES, 1984, p. 238-239)



MINHA MOÇA



ALBERTINA



MADALENA



TÂNIA



MARIA DAS DORES



IRINÉIA

SUMÁRIO



1. Apresentação

2. Os Quilombos Contemporâneos

3. A Mulher Quilombola

4. A Comunidade Quilombola do Muquém

5. Associação dos Remanescentes de Quilombos do Muquém

6. As Mulheres do Muquém: Lugar Social

7. As Mulheres do Muquém: Tradições

7.1. Artesanato


7.2. Agricultura Familiar

7.3. Curandeirismo/Ervas Medicinais

7.4. Culinária

8. Glossário

9. Referências



Contar “causos” de antepassados escravos para os filhos, sobrinhos e netos foi, sem dúvida, uma estratégia dos mais velhos da comunidade não letrada para que o passado permanecesse no presente, para que não se esquecesse, especialmente, o direito à propriedade da terra e à herança recebida. (MATTOS, 2011, p. 8)

1. APRESENTAÇÃO

Produto Educacional produzido no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), como requisito para a conclusão do programa. Trata-se de livro eletrônico (e-book) elaborado a partir da análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa que, tem como método a pesquisa-ação.

Este produto foi apresentado e avaliado pelos sujeitos da pesquisa - alunos do Curso Técnico de Ensino Médio Integrado em Agroecologia e as mulheres da Comunidade Quilombola do Muquém. Em sua fase final, deve ser validado pela banca avaliadora da defesa da dissertação , de autoria da mestranda DANIELA VERENA NEVES SANTOS, com orientação do Prof. Dr. NELSON VIEIRA DA SILVA.

Produzido à luz das teorias sociocognitivas e sociais, objetivamos com este produto reforçar as ideias de Lev Vygotsky, Ira Shor e Paulo Freire quando entendem o homem como resultado de um processo histórico e social; fruto das interações entre o mundo natural e outro, valorizando o contexto social como elemento agente de aprendizagem; e, sujeito que pretende a transformação social real por meio do diálogo e do estímulo à criticidade. (BERTRAND, 2001)

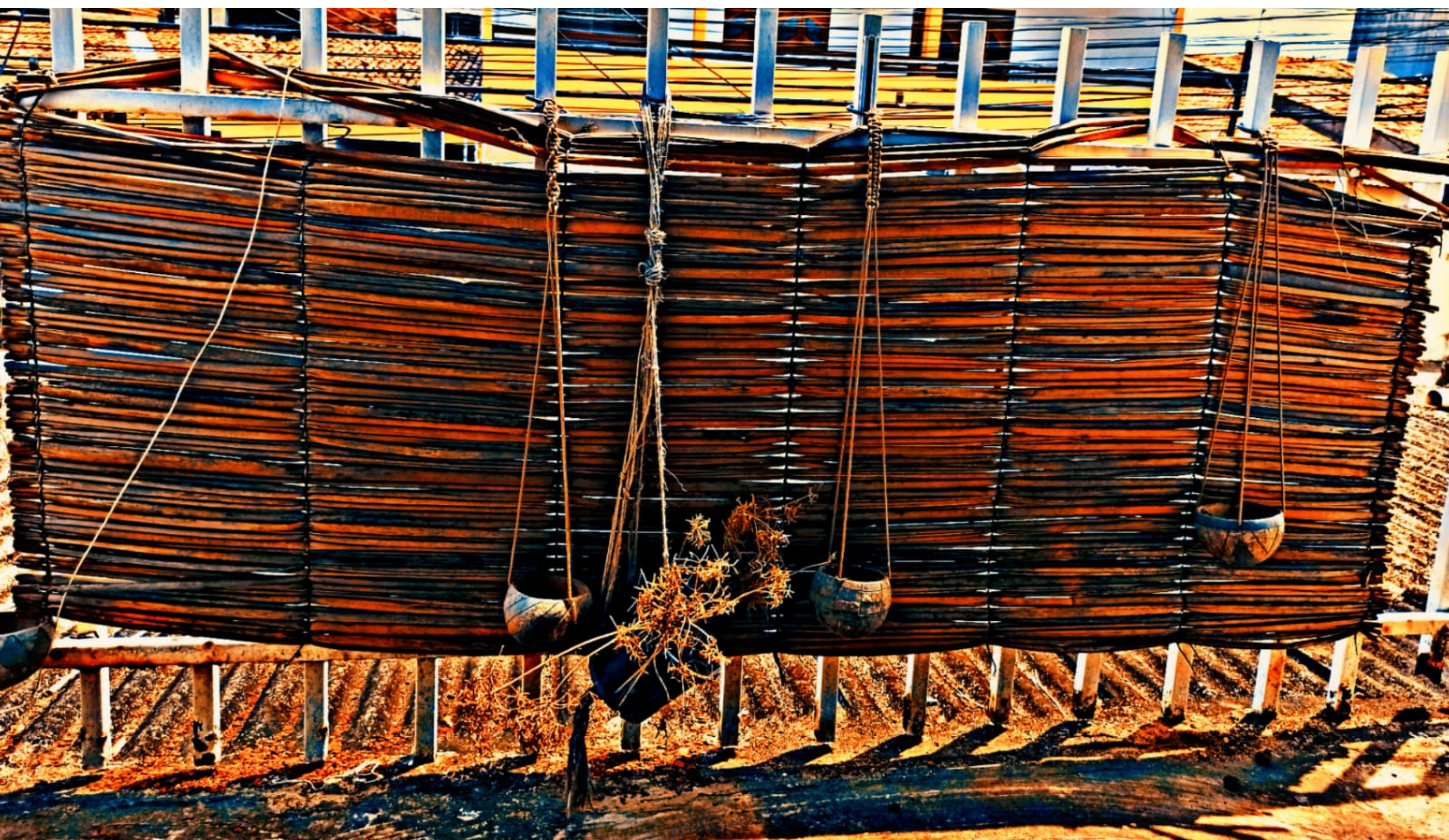
O que se pretende com a elaboração do produto é a interação entre os conhecimentos científicos/pedagógicos e os conhecimentos sociais, intrínsecos à vida cotidiana do indivíduo, no âmbito das práticas educativas da educação não-formal em comunidades de remanescentes de quilombos.



2. OS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS

O conceito de quilombos contemporâneos deriva do processo de (re)construção desses espaços no âmbito das comunidades negras.

Antes considerados nos contextos de fuga e resistência ao sistema escravista, hoje são tomados em razão da manutenção das suas práticas sociais e culturais, sustentadas na autodefinição como remanescentes de quilombos, na certificação e titulação dos territórios.





3. A MULHER QUILOMBOLA



As mulheres negras quilombolas são as co-criadoras da sociedade mundial, juntamente com as mulheres indígenas. No entanto, como bem salientam autores que escrevem sobre elas e sua participação na formação social, suas histórias não aparecem com frequência.

Quando aparecem, são apresentadas no contexto escravista, ressaltando as situações de violências física e emocional que eram submetidas.

É válido pontuarmos sobre a mulher preta na escravidão, mas sob perspectiva positiva de enriquecimento cultural que o foco na violência subtrai. Como bem sinaliza Nascimento (2019, p. 113), "escravidão quer dizer raça, legado de amor da ancestralidade africana".



"A mulher negra [quilombola], desde algumas das nossas mais antigas tradições e culturas, tem seu lugar inscrito em nível de igualdade aos homens, tanto na responsabilidade doméstica como nos domínios do poder político, econômico e cultural.

Na diáspora africana da escravidão, é à fortaleza da mulher africana, ao seu trabalho, sofrimento e martírio que devemos, em primeiro lugar, a sobrevivência de nosso povo." (NASCIMENTO, 2019, p. 102)



Nesse sentido, o protagonismo feminino nas comunidades quilombolas tem-se destacado ao longo dos estudos a respeito de como se organizam, se estruturam e se mantêm num contexto social que, embora impulsionados por uma crescente de consciência social, ainda as invisibilizam.

Nessas pesquisas evidenciou-se o trabalho das mulheres como gestoras dos recursos e princípios familiares, agentes econômicos ativos (produtoras de renda), responsáveis pela transmissão e preservação das tradições e laços de solidariedade nas comunidades. (CONCEIÇÃO, 2017)



4. A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MUQUÉM

ONDE FICA?

A Comunidade Quilombola do Muquém está localizada no Povoado do Muquém, no município de União dos Palmares, numa distância de aproximadamente 6 km do centro da cidade.





Após o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga e dos povoados Taquiri e Sementeira.

O acesso à comunidade realiza-se por uma estrada de terra, sinalizada por uma placa indicando a entrada para o povoado (2 km até a entrada da comunidade).



POPULAÇÃO

Atualmente o povoado tem 167 famílias, com a população total de 767 quilombolas. O conjunto principal chamado Muquém Novo tem 120 casas feitas pelo governo federal [...]. (SILVA, 2021, p.167)



O PROJETO PÓS ENCHENTE...



A enchente, que ocorreu em 2010, devastou toda a comunidade e municípios vizinhos. Antes localizava-se às margens do Rio Mundaú, conhecido como Nzembo (escrita nossa) pelos quilombolas. Nesse episódio, os quilombolas, para se salvarem, passaram dias em cima de uma jaqueira, esperando por socorro, já que a ponte que liga União dos Palmares à comunidade tinha cedido. As casas do Muquém Novo foram entregues entre os anos de 2012 e 2013. (SILVA, 2021, p. 168)

"Esse projeto é federal. Por isso que a construção é diferenciada.

O Centro Ecomênico é o centro que acolhe todas religiões sem diferença. Ele é coberto de palha fica aqui na rua Santa Luzia que é essa mesmo.

O Espaço de Eventos que é onde tinha as festa, os terreiro se apresentavam essas coisa foi construído da mesma forma, o salão aberto, coberto de palha. Tem o Centro Ecomênico e tem o Espaço de Eventos que é o grandão". (Albertina, artesã, 2021)





**"E a gente também tinha o Artesanato já só que a tradição do artesanato não podia ser uma coisa representado de palha porque era uma coisa que tinha que aguentar fogo [...] essas coisa, a gente[...] contou toda história foi feito um espaço de artesanato que é aquele da entrada do conjunto. Por isso que ele foi cuberto de telha que representava melhor o barro. Aí foi construído o espaço de colocar o barro, o espaço pá colocar a lenha, entendeu? E foi, e foi feito as salinha pá os artesã guardar os material e o espaço pá expor".
(Albertina, artesã, 2021)**



"Fizero dois forno, mas os cara da empresa usaro a inteligência mai do que a da gente, entendeu? Aí construiro o forno e colocaro mel. Eles colocaro mel, a gente dizia que não podia só que diz eles que tava no projeto não podia modificar [...] Fizero, só aguentou duas queimadas de loiça, ele derretou, o mel começou a derreter.

**Se vocês vê, interessante, o mel tá comendo os tijolos. Tá corroendo todinho e abriu os forno. Aí quer dizer, aí vem sem experiência, não procura saber da comunidade como é nem a experiência que a comunidade tem, os artesã tem, aí faz isso".
(Albertina, artesão, 2021)**



A HISTÓRIA CONTADA PELAS QUILOMBOLAS...

A origem do Muquém dá-se através de um casal escravizado que se escondeu às margens do rio, possivelmente fugindo do regime escravista à época. O nome da comunidade deriva da prática de se amuquenhar. Segundo Albertina, se amuquenhar significa se esconder.



RESQUÍCIOS DE PALMARES

O que uma comunidade quilombola nos diz





"O primeiro casal, eles teve quatro filho. E a gente só tem o conhecimento de uma, nhé, de uma que casou, que foi, que é a tataravó da gente hoje. A Camila. Por isso que a gente considera a Camila, né, a liderança forte da nossa comunidade. [...] Como fazer para sobreviver? Descobriram a argila. Da argila eles começaro, descobriu o artesanato que foi o pratinho de barro, a colher de barro, a panela de barro que era pra cozinhar os alimentos. Tudo isso foi eles que descobriro. O cachimbo de barro que era a tradição deles tá ali fumando. E assim eles foro descobrindo e desenvolvendo a comunidade". (Albertina, artesã, 2021)



"Começaro a produzir as peça maior. Sabia que aqui tinha uma linha de trem e eles poderia pegar o trem e ir puma cidade mais próxima vender as peça. E isso eles fizero para sobreviver. Que antes eles sobrevivia da caça e da pesca. Que era do rio, que eu falei pra você, e da caça que era nas mata que eles vivia aqui. E assim eles foro desenvolvendo, foro crescendo e foro passando a tradição de gerações pra gerações. De pai pa filho de filho pra neto e assim 'cessivamente'. Éé.. eu lembro que os nossos pai dizia, né, que a o quilombo é feitcho de família mesmo, né, de agregado entre família e assim até hoje [...]". (Albertina, artesã, 2021)

"Até mesmo eu fico preocupada de a gente tá, de alguém tá trazendo alguém pra cá pra comunidade que não faz parte da cultura, da descendência, da história, tendeu? Que a gente cresceu assim em família.

O nossos pai dava um grito de orde e a gente tinha que obedecer, né? Hoje a gente não pode dá um grito de orde, porque lá na frente tem uma pessoa que não é da família. Então é perigoso dar um grito de orde, né, uma pessoa estranha, né". (Albertina, artesã, 2021)

"Eles conhecia também as margem do rio, aonde eles fazia todos os trabalho dele em termo de de limpeza do corpo, tomar banho, essas coisa. Era tudo na margem do rio. Foi aí que eles botaram o nome de nzembo (escrita nossa). É uma parte histórica do rio. É uma travessia. É tão justo que quando a gente descobriu, quando a gente descobriu que ali era realmente uma travessia comecei trazer os turista e na pedra tinha cravado dois pé, um pé maior e um pé menor". (Albertina, artesã, 2021)



"É a história do rio, é a história do artesanato, é a história da comunidade. O nome muquém que é um nome muito importante, tendeu? Foi um nome forte. E assim a gente tamos aqui até hoje, continuando com esse trabalho, com essa luta, essa garra mermo de não abandonar a nossa comunidade e continuar os nossos trabalho que foi do antrestais que foi passado pra gente". (Albertina, artesã, 2021)



A Comunidade Quilombola do Muquém teve a sua certificação expedida em 2005. No que concerne à titulação, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, em consulta aos processos em andamento para Titulação no sítio eletrônico do órgão, não encontramos informações acerca do Muquém.

**"A certificação facilitou o acesso à saúde, saneamento, segurança e educação, permitindo a nossa inclusão. Acho que o reconhecimento é fundamental para que os nossos direitos sejam garantidos e nossas tradições valorizadas."
(Albertina, artesã em BEDER, 2017, p. 2-3)**

AQUI TEM
ALAGOAS
feita à mão


**5. ASSOCIAÇÃO DOS
REMANESCENTES DE
QUILOMBOS DO
MUQUÉM**

"Essa é Associação dos Remanescentes de Quilombo é aonde acolhe todos da comunidade e os artesã junto. A associação foi fundada em 93. O objetivo do fundamento da associação era porque pá ir buscar projetos tinha que ter uma associação. Aí era Associação dos Pequenos Produtores Rural do Muquém, porque ainda não era reconhecido quilombola. Era dos rural, tendeu?"

Pereira, né, que fundou a associação em 93. Aí o primeiro projeto que ele trouxe foi a implantação de banheiros químico, que era fora das casa e depois ele conseguiu um projeto da casa de farinha e o terceiro projeto foi a construção de casa, de troca de casa de taipa por alvenaria. E daí em diante ele seguiu com os trabalho, né, da associação. Tão a comunidade começou a se desenvolver através da associação." (Albertina, artesã, 2021)

**"Depois do Pereira passou o presidente Bil, que o Bil, o projeto dele foi trazer uma bomba de processamento de água pra comunidade, mas não suportou a quantidade de sal e ela não suportou a impureza da água e a bomba queimou. E também outro trabalho dele foi trazer a encanação de água de União dos Palmare até a comunidade."
(Albertina, artesã, 2021)**

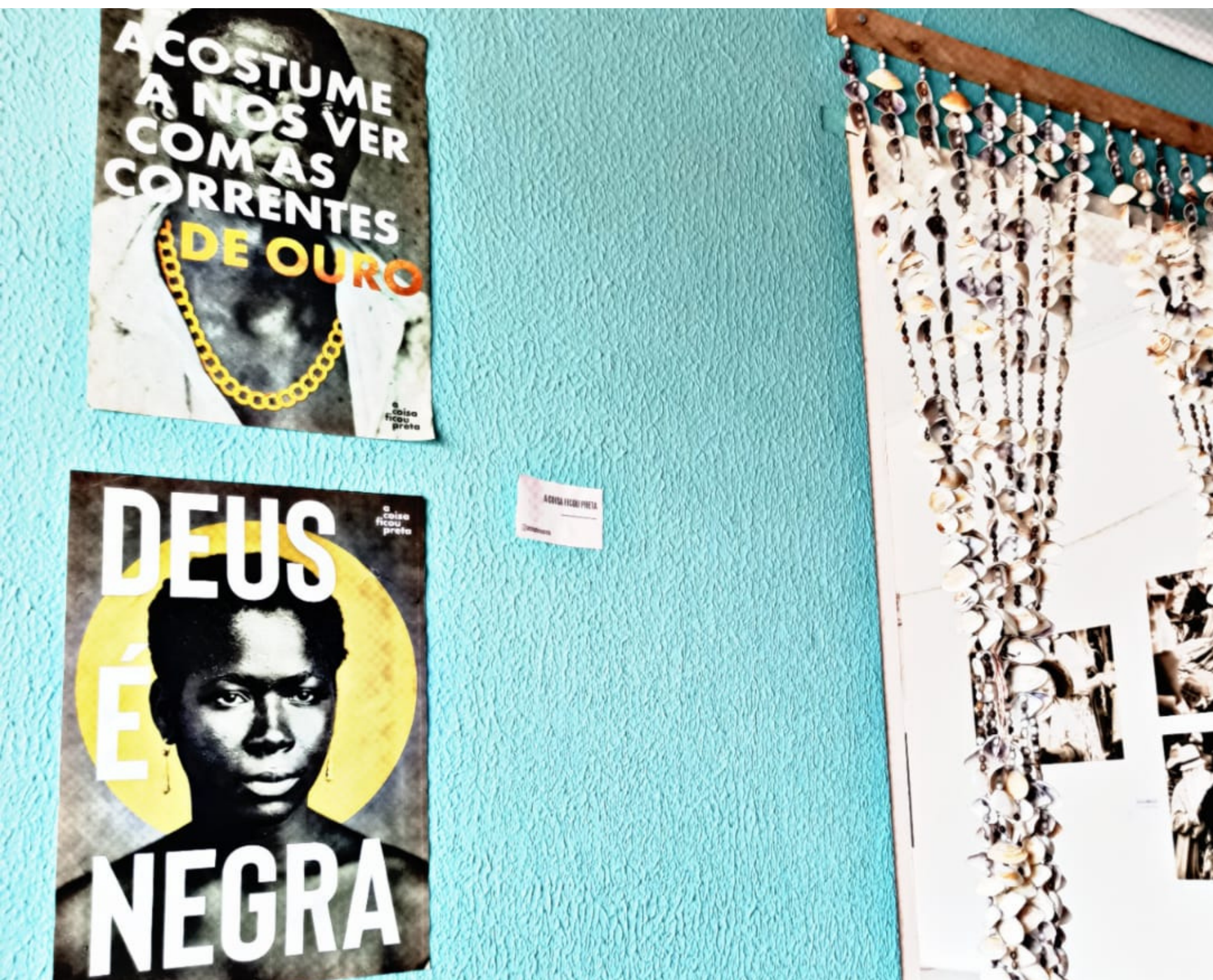
"Depois do presidente Bil veio a presidente Joana, é que, a Joana não conseguiu trazer nenhum benefício pra comunidade através da associação e depois da Joana, 2006, eu assumi. Eu passei de 2006 até 2017, aí dei oportunidade pra o meu primo ficar presidente da associação também, mas ele passou só um ano e eu retornei de novo pra associação e to até hoje. Meu objetivo de trabalhar na comunidade foi política pública, né, atrás dos projeto, atrás Secretaria que poderia desenvolver ações dentro da comunidade. Fui responsável pela a construção do posto de saúde dentro da comunidade e meu objetivo é desenvolver memo a comunidade, como equipe médica, [...] das professoras dentro da escola, esses objetivo dentro da comunidade. E eu até hoje continuo nessa luta". (Albertina, artesã, 2021)



6. AS MULHERES DO MUQUÉM: LUGAR SOCIAL

LIDERANÇA

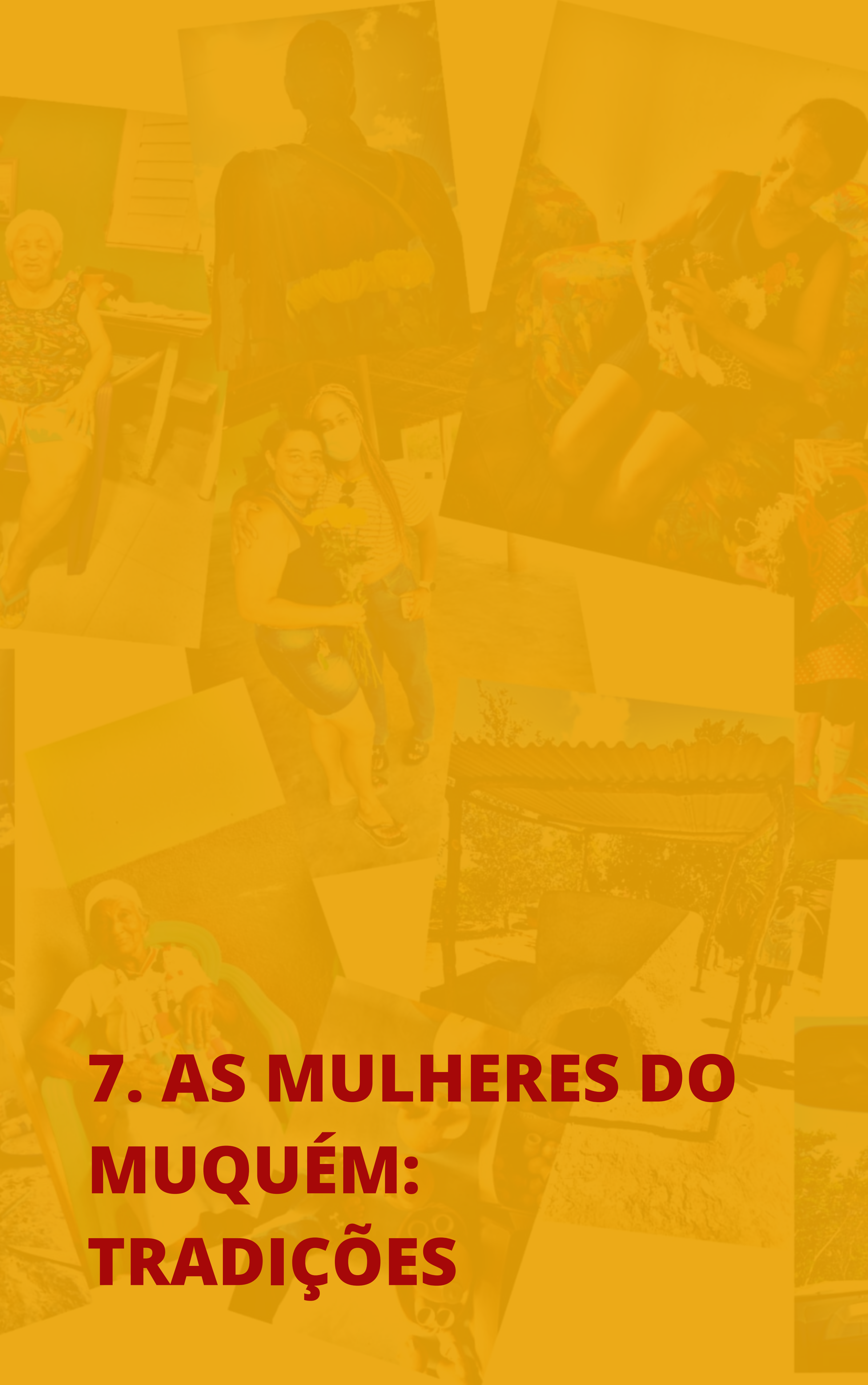
“Sempre a comunidade foi liderada por mulher. Até a gente tentou, né, colocar home, ma aí não deu muito certo não. Eles [...] começaro a sair de fora e tal, mas as lideranças sempre são as mulheres até hoje”. (Albertina, artesã, 2021)



"Você liderança duma comunidade, você tem uma visão mais mais diferenciada de que o homem. O homem se preocupa, dentro do quilombo, se preocupa em saber como é que vai manter a família, né? Não de tá correndo atrás... principalmente de pessoas que depende do canavial, por exemplo. Uma pessoa dessa não vai ter tempo de tá trabalhando no serviço pesado e tá correndo atrás de algo pra comunidade. Se fosse uma pessoa livremente, se tivesse emprego só pra isso e tal, né? Tinha mais chance, mas como as mulheres têm mais chance de tá em casa, mais tempo de viajar, mais isso, né?" (Albertina, artesã, 2021)

**"Mas a liderança
das comunidade
quilombola tem que
ser mulher mesmo.
(Albertina, artesã,
2021)**





7. AS MULHERES DO MUQUÉM: TRADIÇÕES

Ela está presente em todo o modo de ser de uma comunidade. Na hierarquia do grupo, na forma como as pessoas se relacionam, nas canções, orações, no corpo que dança, em seus objetos de arte, na roupa, no preparo do alimento... Uma tradição, ainda que não esteja escrita no papel, possui sempre uma materialidade apresentada na complexidade existencial do grupo. (BELO, 2018, p. 72) TUDO É TRADIÇÃO!

ARTESANATO

Única tradição que gera renda para as mulheres. A maioria das artesãs entrevistadas trabalha com peças que tem o barro como principal matéria-prima. Trabalham em todo processo de confecção, desde a retirada do barro às margens do rio, até a queima das peças.



"O barro ela amassa na mão todinho, tira lá no buraco, depois leva pra casa, agoa, agoar é molhar, pa fica molinho. Pisa todinho na mão, machuca pa tirá péda, pa num atapalhar. Aí depois corta [...] tem uma foice, elas corta pra pisar o barro. Pa ficar macio. Ai depois que o barro fica macio ela começa fazê as peça. Far o bolo, aí far as coisa. Aí bota lá no cantinho.



[...] depois do bolo. Que abre ele bem abertinho. Aí ela tira o barro memo, rápa, pa depois embarrear, que é alisar. Aí depois que alisar tudinho bota lá no cantinho que é pra secar, pa depois... Num é na hora não. É cum uns 15 dias, um mês é que ela vai queimar. porque se butar eles mole pode quebrar". (Tania, 2021)

"O barro [...] num só usa um, tem que misturar um com o outro, porque tem muita possibilidade de quebrar. É, quando não bota no fogo e aí faz 'pu', estamboca, é assim, é. Aí quebra.

O bambu alimpa muito. Pá limpá pa ficar a loiça mar limpa mar rápido. Aí coloca do grosso ao fino [no forno].

Aí coloca uma parte do bambu, aí já por último coloca os garrancho [bambus finos]. Tem tomém, desse aí do bambu, tomém tem essas ponta fina, fininha, que são bom. É... pra queimar." (Tânia, 2021)



"Maisi começa umas oitcho hora só termina umas uma hora, duas hora. É demora, poque começa devagazinho butando, quando fai 'pá', começa a pocar tem que manerar o fogo, que ar vez é poque o fogo tá forte. Aí só minha tia que sabe, meu tio, eu mesmo não sei pá onde vai. Aí ela fai 'Tânia, Tânia'...

**[onde aprendeu] Ela aprendeu ca veno a mãe fazer".
(Tânia, 2021)**

**"Já tá cuma faz de uns quarenta e doi pá quarenta e trei que eu mexo com barro. É... tá com muito tempo. E graças a deus foi onde eu vim descobri conhecimento, camaradage, tudo quanto é bom, né, nessa fase chegou pá mim. Porque eu antes num sabia de nada, nunca fui a escola. A escola que Deus me deu foi essa e eu to bem sastifeita".
(Irinéia, artesã, 2021)**





**"Descobri essa arte minha através de promessa. Pessoal fazia promessa com as imagem e vinha pedir pra mim fazê no barro. Era um pé, uma cabeça, uma mão... qualqué pate do copo. Aí eu fui me interessano, fui fazeno, né, aí depois Deus me deu o dom de eu mudar pá fazê ota arte, né, fazê estata, fazê santo, cabeça. Agora que ar cabeça das promessa eu não furava, era só, era pegá o barro, mudelá ela e deixá no jeitcho que a pessoa queria".
(Irinéia, artesã, 2021)**

"Aí depoi que eu comecei furano, eu fui mudelando direto, aí você pode queimá. Que a promessa pagarra ela crua. Aí depoi delas queimada foi tempo que ar menina do SEBRAE pegou conhecimento comigo e foi me dando conselho pra mim interessá mai fazê o serviço mar bem feito. Porque num tava ficando bem acabado, né? Que a rente fazê uma coisa sozinha sem uma professora, sem ninguém pra ensiná, só Deus". (Irinéia, artesã, 2021)



[sobre o barro] "Eu tirava aqui perto, maisi depois da cheia a gente desconfiou dele poque ele não ficou bem certo. Poque foi misturado lama, um bocado de bagunça tudo, né? E o pessoal amarrado lá perto dos barrero, ele faz xixi, fai cocô e aquilo vai tudo pá dento do barro. Aí a gente vinha teno muita perda de peça, né, tinha peça que a gente contava alguma que seia inteira. Aí nóir mudô, pegá o barro, peguemo umas três vêi no Murici, comprava lá e aqui na beira da pista."
(Irinéia, artesã, 2021)



[inovações no barro] A rente pega o papel higiênico bota dento d'agua e cando ele tá molhado esfrega ele bem mermo, pa ele se bagunçá todo e depoi coa ele pa misturá com o barro. É pa misturá com o barro. E ficou mair manera a peça, ficou mar manera. [...]Fica mais resistente e mais manero. É... agora a rente vai vê no fogo cumé que vai dá. Se der certo eu vou comprar um fardo pa gastar. Vamo vê se dá certo". (Irinéia, artesã, 2021)



"A minha mãe eu só acompanhava ela nos trabalho que ela fazia panela. Só que eu não queria não a prática de fazê panela porque já tinha muita artesã, né, fazeno panela aí eu fazê a mema arte dos oto? Camila foi quem foi passando as tradições.

E quando depois da enchente, aí o meu esposo teve um problema de coluna, mas ele trabaia na serra grande, ficou afastado pegou uns dois mês. Aí eu disse 'óí rapai tem tanto barro aí o que que a gente vai fazê, memo? Tanta gente que disse que é história, que veio de lá de baixo, que aprendeu e a tradição passou, vamo vê fai alguma coisa?"
(Albertina, artesã, 2021)



"A gente começô a fazê umas bolinha troncha, umas bolinha troncha, saia ur buraco grande otos pequeno, a gente ia butá o cordão num passava. Digo rapai num deu certo não. [...] Isso começô a arrumá a arrumá, aí acertemo o padrão certinho, o tamanho certinho, tudo certinho, começamo desenvolver o trabaio.

A gente vai fazendo aí fura e queima e depois vai muntá. Aí se a gente quiser ó a gente vai escolhendo, inda vai separando as cor que tem". (Albertina, artesã, 2021)

"Faço loiça derne seis ano de idade que eu faço loiça. [...] ajudano minha mãe e aprendi com ela. Agora toda loiça eu faço, cabaça, chalera, toda peça de loiça. Boneco de barro, cavalo, tudo. O que vem na cabeça eu faço tudo. E eu tenho ogulho do que eu faço, minha fia, nem sei lê nem sei escrevê. Faço de barro. Eu faço tudo no mundo, eu aro tudo de enxada, coito maderá, lasco maderá.



[...] Faço levada, roço mato, faço tudo. Quato hora de manhã to não, quato hora não acha em casa não. Tem um passarinho que me acoida toda quato hora, ói. Desce pá lá pá baixo, venho de sete, oito. Desço duas hora, chego aqui cinco hora, seis hora. Lá embaixo tem o gado que eu crio do menino, que o menino trabalha em Rio Largo e o forno que eu cadeio lá". (Aparecida, artesã, 2021)



"Quando eu vô queimá saio daqui quato hora. da manhã. Chego aqui quato hora da tarde. Só saio de lá quandi tiro. Agora minha fia, dá muito trabaio, viu? Pá pá tudo! Pá tirá barro, pá tudo, pá tudo...pá pisá, pá queimá é que dá trabaio po mó da vista. É e nós num pode se lavá nem os pé só se for com água morna só toma banho no oto dia. Po mó de negócio de derrame. Passá pa cabeça, pronto. E né, é muito muito quentura no rosto. E pá nós mulé que é ruim, né?" (Aparecida, artesã, 2021)

"É assim, eu assim, eu tiro o barro, tiro a argila lá e faço aqui. E depois de seco levo pra lá pra queimar. Depois de queimado trajo pra cá. E eu tenho que tirar de lá quando esfria, porque alguém, com o senso da palavra, passa a mão, acaba esfregado e bota pau e fica do mesmo jeito que a gente leva pra queimar, fica preta. Aí é outro processo de novo. Pra queimar de novo. E se jogar sal quebra tudinho". (Aparecida, artesão, 2021)



SOBRE TRANSMITIR A TRADIÇÃO...

"E quem quer aprender isso, mulé, pelo amor de Deus. Ar maioria dos pequeno que tão nas escola. Não sei se tá, tem uma lá que tá dando aula, aí pa ver se fica alguém, poque os mais velho falecendo, quem que vai fazê? Aí é isso, pa não perder". (Tânia, 2021)

"Cada uma nas suas casas, né.. é. Agora eu ensino. Antes dessa marvada dessa epidemia tomá conta do mundo, eu ia pa União, ia pa Maceó, me chamava os pessoá, né? Mai depoi que houve essa impidemia, o pessoá cismaro, cismaro, não saí mar nhão". (Irinéia, artesã, 2021)

"Ar menina não se interessa. Só a netinha que eu tenho com sete ano dixe 'ô vó eu quero sê atesã!' Digo queira sê não minha fia que mela ar mão, ela dixe 'mai eu quero que eu acho bonito". (Aparecida, artesã, 2021)

CURIOSIDADE SOBRE O BARRO...

"Tem aqueles dois anjo ali foi o rapaz de Garanhuns que trouxe um de gesso preu fazê. Agora o de gesso tarra com o quarto todo delificado ele queria que eu concetasse. Aí eu digo 'ó amigo, só que o barro não se une com gesso'. O barro é um material e o gesso é oto. [...] O senhor quisé que eu faça um do mermo jeito de barro, eu faço". (Irinéia, artesã, 2021)





"Eu comecei o meu trabalho, eu fiquei desempregada, aliás, depois da cheia, da enchente, aí gente ficou sem trabalho. Que eu tinha uma banca de roupa na feira, uma barraca pra vender roupa, aí depois da cheia a gente ficou com medo de ir pra União, né, do que jeito que ficou as estradas.

Aí eu vendi a minha banca. Só que eu fiquei sem renda, apesar de eu ter uma pensão, maisi eu queria ter mais. Aí, foi daí que veio um senhô aqui traz, trouxe umas boneca, num foi Bel?" (Madalena, artesã, 2021)



"Ele trouxe uma, essa estauta aqui e troxe umas boneca de pano. Agora que era bem diferente dessa, né. Aí ficô, um pegava, oto pegava, um pegava, oto pegava e ninguém se interessô. Aí ficô ali na casa da menina, da costureira aí eu fui pa lá buscá.

Disse 'eu vô trazê essa boneca e vô vê se eu consigo fazê'. Aí foi aonde eu me interessei a continuar o trabalho da boneca de pano. Só que a de lá é tudo feito na maquina, né, e aqui é tudo feito manual. Tudo na mão. Aqui você vê que é tudo custurado, tudo feito na mão". (Madalena, artesã, 2021)



"Essa lã é comprada. Tudo aqui é comprado. A não sê que eu vá na casa de algum custureiro e eles me dê um pedaço de tecido, uma coisinha, maisi é tudo comprado esse material. É tudo preenchido. É um tipo algodãozinho, é, uma fibra. É fibra. Aí eu compro tudo, aí da é, eu tiro minha renda daqui.

[como aprendeu] Foi, foi só olhano. Aí comecei a olhar, aí aprendi". (Madalena, artesã, 2021)

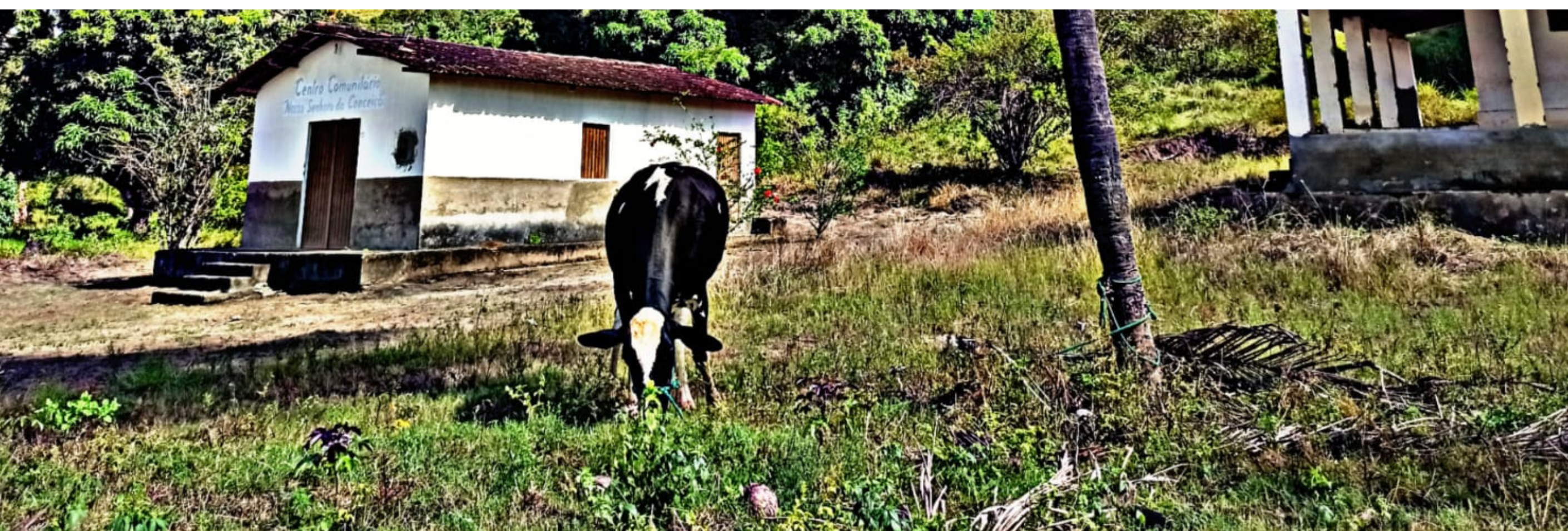
SOBRE TRANSMITIR A TRADIÇÃO...

"E eu pretendo passar pa otas pessoa, né? Alguém se interessar, vim aqui 'ô Madalena praqui po mó de você me ensiná' e eu ensino. O bom é você ensiná pra quando um dia que você for simbora desse mundo para o oto fica alguém com o seu trabalho. Que se interesse". (Madalena, artesã, 2021)

AGRICULTURA FAMILIAR

“É macaxeira. Eu aplanto batata, feijão de corda, feijão de arranca”. (Tânia, 2021)

"A plantação é só para o consumo da casa, antes da chuva prepara a terra, e quando vim o inverno, né, no tempo da chuva, eles cava o terreno e faz as plantação. Pranta milho, feijão, feijão de corda, batata, mandioca, são essas coisa que é plantado no tempo da chuva. [...] Tem uns que gosta de plantar mais fava, fava e milho. Mais assim, quando a gente morava lá na parte de baixo era melhor porque era próximo do rio, né, mais, agora que ficou distante do rio fica mais complicado fazer roça, deixar pra lá, porque as vezes os animal se solta, né, estraga a roça, aí ele ficaro com mais receio de plantá distante de onde mora." (ALbertina, artesã, 2021)



CURANDEIRISMO - ERVAS MEDICINAIS

"Eu cuido meus criente, é, cuido meus criente, minhas criança. É a dor de cabeça, uiado, dor, é, cumé, espinhela caída, e assim, tenho minha profissão que Deus me deu. Deus quis que eu fizesse essa profissão, aí quando me deu, eu fiquei com ela. Implantou-se quase com uma inveja. Porque lá embaixo onde eu morava tinha um crauno que ele curava, que curava meus fio. Aí eu tinha inveja axim, 'oxi, quando eu ficá veia eu vou curá tumbém'. Acharra tão bunito." (Minha Moça, curandeira, 2021)



"É, eu acharra bunito quando ele curava meus fio. Eu dixei [...] 'quando eu ficá véia eu vô curá também. Fiquei com isso na cabeça, né? Aí fiquei com isso na cabeça, e ele rezando e eu aprendendo, ele rezando e eu aprendendo.

Hoje eu curo os criente, meus criente, os adulto, a minhas criancinha, curo tudinho, é. Eu peço pirmissão a Deus, e Deus, peço a Deu, rogo pa Deus e fica bom." (Minha Moça, curandeira, 2021)



"É dor de cabeça, é, espinhela caída, é uiado, é dirmitiu o pé eu já cuido, já vou lá [...] pego uma linha boto na aguia e fico cuzendo po cima e dizendo as palavra. É... dizendo as palavra e curando. E tudo, e é assim, minha fia.

Não é só com o ramo. A aguia com a linha, [...] uma folhinha de mato cuzendo em cima do pé e tudo cuzendo o pé tria tirô trio é pa tirá e eu curando o pé. Curando o pezinho, dor de cabeça, é, espinhela caída, que é peito abeto, espinhela caída, a airca virada, tudo." (Minha Moça, curandeira, 2021)

"Oxi, e não chegou na minha mente peu curar o povo? Óia a procissão... ar vei eu to tão ocupada, chega, bate no portão: 'ô moça', 'oi, já vou, to indo'. Chego lá, 'óia, benza aqui meu fio'. Eu benzo. 'Eita, to com uma dô aqui no estombo'. Já pego um pano, já bafo o caba por aqui [mostrando que aperta o pano na barriga do cliente] e começo a curar. E é assim. É, óia. E óia cuido da rente daki de São Paulo, é. Oxi, eu rogo pa Deus, rogo pa Jesus". (Minha Moça, curandeira, 2021)





"Dor de cabeça eu boto um pouco, três dedo d'agua numa garrafa, jogo um paninho, boto aqui na cabeça, aí vô rogá pa Deus, pedi a Deusi, fica bom... ele fica bom. 'ô fulano, tu melhorô'? 'oxi, tô tão bom, to novo em foia'.

Eu digo graças a Deus, num é minha fia, graças a Deus que Deus me ouviu e curô meus criente. A rente reza, pede a Deusi, aí vai rogá pa Deus, pa Deus olhá pa pessoa e curá aquele criente e as criancinha tombém." (Minha moça, curandeira, 2021)

"Dente caído. Pego a bundinha dele boto pá cima assim, boto pa cima a bundinha. Levanto as perninha dele pa riba.. e fica bom. Fica curado, fica, em nome de Jesus, meu Deusí.

Eu que eu peço a Deus, meu Deusí me oiça e cuide meus criente, a minhas criancinha pa fica bom. É. Eu sei que peço a Deus e rogo pa Deusí pa curá meus criente, meus adulto e as minha criancinha. É assim, minha fia". (Minha moça, curandeira, 2021)



[sobre os estudos que já realizaram com Minha Moça] "A história dela. Só que dento da ser a horta medicinal ela precisava conhecer a medicina também das pessoa que usava medicina. A única pessoa que usava medicina era ela. Poque usava o ramo, né, que chama bassoura, o, aquele, o roxo, peão roxo, que é o que cura e aqui, através dela, ela descobriu várias coisa que ela não conhecia atavés da medicina, medicinais da natureza". (Albertina, artesã, 2021)

CULINÁRIA

"Gente.. é, o pirão de peixe que a minha vó, minha mãe fazia, as coisa tradicional, a farofa de alho, a farofa de, dessas coisa assim, cabidela de peixe que ninguém nunca nem viu, não sabe nem o que é. Mas eu trazia bastante gente aqui, mas só pra exprementar, passar a receita não. Passar as receita não." (Albertina, artesã, 2021)



"Mais as comida que a minha vó preparava, né, o jeito de guardar as carne, naqueles tempo, né? Comprava a carne, butava pra secar e tal, o peixe butava pa secá no sol. Só que agora a gente tem a geladeira, né? Num usa mais.

A gente não vai pudê mais pregá um peixe e colocá no sol pra secá, com sal. E, oxi o pirão de peixe, é, a buchada, a peixada que é diferente do pirão, a cabidela é diferente do pirão e da peixada. A cabidela só eu sei fazê, viu? [...] Eu só faço sozinha e só dô po povo comê, é." (Albertina, artesã, 2021)

CRENÇAS E MITOS

[em relação ao casamento entre parentes] "Poque di assim, ói vem cá, e se casá com primo num nasce alejado, num nasce isso e aquilo? Que nada mulhé, é contrario. Eu disse a minha irmã, tu não casasse com primo, tua filha nasceu com a adição doida, um é mudo e sudo, poi quem não casô com primo foi completamente diferente". (Albertina, artesã, 2021)

"No tempo da minha mãe, minha mãe dizia que menina só nasce deficiente quando a pessoa tá grávida que manga de ota pessoa que passa". (Aparecida, artesã, 2021)

"Era muita lenda que tinha antigamente. Essas coisa de dizê assim óia, um dia eu fui ali na estrada gente quando passei debaixo do pé de manga você jura que tinha um moteto lá em cima, parecia que era um mula sem cabeça sem isso, sem aquilo. Aí de repente quando a gente passou caiu aquele montante de coisa lá no chão e a gente não sabe.. óia gente essa noite eu me encontrei com uma alma, humm, óia eu me encontrei com uma alma, nera? Eraa... a alma só vê uma pessoa só, não vê de dua não.

Era mula sem cabeça, era o cavalo de [...] isso tudo existiu, entendeu? Todo mundo... aí a maioria via. Aí via cachorro preto à noite nera, andando.. mas assim, como era história era tudo verdade porque dizia que via. Ninguém sabe se era só imaginação da cabeça ou se era..." (Albertina, artesã, 2021)

"Óia comunidade mais desenvolvida no Estado de Alagoas é Muquém. Num tem outra mar não. Todos trabaio, todas história, tudo o povo vem colher aqui. É um lugá que tem gente que sabe que não vai falá mentira, é um lugar que é próximo a serra, e é um lugar que sabe que foi a origem de todos que tá aqui hoje". (Albertina, artesã, 2021)



GLOSSÁRIO

Amuquenhar - prática dos negros ex-escravizados de se esconderem nas matas quando fugiram da batalha que derrubou Palmares;

Agoar (aguar) - molhar com água;

Ancestrais (antrestais) - próprio dos antepassados ou antecessores;

Bafar - nesse caso, agarrar, pegar;

Barreiro - lugar onde se retira a argila para a fabricação de telhas e tijolos;

Cabaça - qualquer vasilha que apresente forma semelhante ao fruto do cabaceiro-amargoso;

Cabidela - guisado feito com os miúdos do animal, misturados ao sangue;

Cadear - nesse caso, acender o fogo.

Crauno - boi muito preto;



Cuzer (Cozer) - nesse caso, costurar;

Embarrear - alisar

**Espinhela caída; Arca virada ou Peito aberto -
doença caracterizada por forte dor no peito, nas
costas e pernas;**

Estambocar - nesse caso, estourar;

Estombo - estômago

Feijão de arranca - Feijão de arranque;

Garrancho - galho fino de árvore; graveto;

Levada - Sulco que conduz a água para ser irrigada;

Loiça - Louça

Manero (Maneiro) - leve, jeitoso;

Pisar - amassar, misturar;

Pocar - estourar;

Rapá - Raspar

Uiado (Olhado) - mal-olhado

REFERÊNCIAS

BEDER, Luciana. Quilombolas contam histórias de luta e pertencimento. **Portal da Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos do Estado de Alagoas**. Maceió, 2017. Disponível em: <<http://www.mulheredireitoshumanos.al.gov.br/noticia/item/1896-quilombolas-contam-historias-de-luta-e-pertencimento>>. Acesso: 02 fev. 2022;

BELO, Rafael. **Rastros do "xangô" alagoano: contribuições para a história da educação**. Maceió: Fapeal; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018;

BERTRAND, Yves. **Teorias Contemporâneas da Educação**. 2º edição. Maceió: Horizontes Pedagógicos; Instituto Piaget, 2001;

CONCEIÇÃO, Joalice. Mulheres Quilombolas e as políticas públicas. In: FIABANI, Adelmir, GOMES, Anada Beatriz Sousa, MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva (org.) **Do Pilão ao Batom: histórias de mulheres quilombolas**. Curitiba: CRV, 2017. cap. 7, p. 107-117;

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022;

MATTOS, Hebe. ABREU, Martha. Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299778862_ARQUIVO_anpuh2011.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022;

SILVA, Thaís Patrícia Paulino da. Por uma educação quilombola: um olhar geográfico à comunidade remanescente do Muquém. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 156-176, 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/nenyc/Downloads/55960-208420-1-PB.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

REFERÊNCIAS - IMAGENS

Imagem 1 - Negra africana. Fonte: <<https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/3727188-black-african-woman-in-gold-line-art-style-continua-line-drawing-of-afro-woman-and-african-continent-map-vector-golden-linework-icon-logo-isolated-on-fundo-preto>>;

Imagem 2 - Símbolo do feminino. Fonte: <<https://www.pinterest.es/pin/413134965815860277/>>

Imagem 3 - Minha Moça. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 4 - Albertina. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 5 - Madalena. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 6 - Tânia. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 7 - Maria das Dores. Fonte: Lenne Ferreira.

<<https://br.noticias.yahoo.com/comunidade-quilombola-muquem-herdeiros-de-palmares-160718703.html>>;

Imagem 8 - Irinéia. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 9 - Silhueta mulheres. Fonte:
<<https://www.eleconomista.es/mercados-cotizaciones/noticias/10247112/12/19/Africa-como-invertir-en-la-futura-fabrica-del-mundo.html>>;

Imagem 10 - Sankofa. Fonte:
<https://br.pinterest.com/sankofastudies/_saved/>;

Imagem 11: Epa/algemas. Fonte:
<<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>>;

Imagem 12: Silhueta mulher África. Fonte:
<<https://br.pinterest.com/pin/652177589759883730/>>;

Imagem 13: Monumentos, Serra da Barriga. Fonte:
Daniela Verena;

Imagem 14: Fachada restaurante Odara. Fonte:
Daniela Verena; **Imagem 15: Monumento à Dandara, Serra da Barriga. Fonte:** Daniela Verena;

Imagem 16: Tereza de Benguela. Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/07/28/artigo-a-luta-de-tereza-de-benguela-e-as-mulheres-da-resistencia>>;

Imagem 17: Dandara. Fonte: <<https://todosnegrosdomundo.com.br/a-forca-de-dandara-dos-palmares/>>;

Imagem 18: Busto Luisa Mahin. Fonte: <<https://mercadopopular.org/Mahin/sabe-quem-foi-luisa-mahin/>>;

Imagem 19: Entrada da Comunidade. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 20: Parada de ônibus. Fonte: Décio Filho;

Imagem 21: Entrada Serra da Barriga. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 22: Placa acesso à Comunidade. Fonte: Décio Filho;

Imagem 23: Casas na estrada. Fonte: Décio Filho;

Imagem 24: Arte Irinéia. Representação da enchente. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 25: Centro Ecumênico. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 26: Espaço para artesanato. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 27: Espaço para artesanato. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 28: Forno. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 29: Livro Resquícios de Palmare. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 30: Revista Cerâmica. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 31: Peças de artesanato. Maria das Dores. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 32: Rio Mundaú. Serra da Barriga. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 33: Nossa Senhora do Rosário. Fonte: <<https://www.uol/noticias/especiais/quilombo-muquem-.htm>>;

Imagem 34: Aqui tem Alagoas feita à mão. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 35: Colagem mulheres do Muquém. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 36: Parede restaurante Odara em Maceió.

Fonte: Daniela Verena;

Imagem 37: Força feminina. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 38: Colagem mulheres do Muquém. Fonte:

Daniela Verena;

Imagem 39: Miniaturas em barro. Aparecida. Fonte:

Daniela Verena;

Imagem 40: Pratos de barro. Maria das Dores.

Fonte: Daniela Verena;

Imagem 41 : Vaso de água. Maria das Dores. Fonte:

Daniela Verena;

Imagem 42: O beijo de Irinéia. Fonte: Daniela

Verena;

Imagem 43: Cabeças de barro. Irinéia. Fonte:

Daniela Verena;

Imagem 44: Barco de lenha (usado para sobreviver à enchente). Irinéia. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 45: Ateliê da Irinéia. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 46: Colar de barro. Albertina. Fonte:

Daniela Verena;

Imagem 47: Continhas de barro. Albertina. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 48: Conjunto garrafa e copos. Aparecida. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 49: Miniatura no barro. Noiva. Aparecida. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 50: Miniaturas pote e cabaça. Aparecida. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 51: Caixa miniaturas pote e cabaça. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 52: Boneca de pano. Madalena. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 53 Bonecas de pano. Madalena. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 54: Bonecas de pano. Madalena. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 55: Pasto. Fonte: Décio Filho;

Imagem 56: Bassoura. Fonte: Daniela Verena;

Imagem 57: Bassoura. Fonte: Daniela Verena;

**Imagem 58: Pinhão Roxo. Fonte: <
https://aminoapps.com/c/umbandaamino/page/blog/banho-de-pinhao-roxo/r0K3_jLmUeu0d566qEWI7ekBx5wWmBWJL8g
>;**

Imagem 59: Bassoura. Fonte: Daniela Verena

**Imagem 60: Pinhão Roxo. Fonte:
<<https://br.pinterest.com/pin/449023025350985340/>>;**

**Imagem 61: Culinária quilombola. Fonte:
<<https://www.alagoasnet.com.br/v3/iii-festival-quilombola-celebrara-tradicao-afro-brasileira-em-alagoas/>>;**

**Imagem 62: Mulheres. Fonte:
<<https://br.pinterest.com/pin/90283167519374700/>>;**

**Imagem 63: Perfis negras. Fonte:
<<http://cidadaniadiversidadeetnica.blogspot.com/2019/03/>>;**